

RACISMO, FUTEBOL E SOCIEDADE EM *O DRIBLE*, DE SÉRGIO RODRIGUES

Eduardo Lopez Chagas¹

RESUMO: Quem vê jogadores e torcedores negros, hoje, em gramados e arquibancadas de estádios brasileiros, talvez não imagine que essa nem sempre foi a realidade do país. Durante muitos anos o futebol reproduziu um dos aspectos mais perversos da sociedade brasileira: o racismo. Em *O drible*, Sérgio Rodrigues retoma parte dessa história, mostrando a permanência de práticas racistas no interior da sociedade de uma forma provocadora. Assim, este trabalho tem como objetivo analisar, no romance de Sérgio Rodrigues, como o racismo, em suas diferentes manifestações, está presente ainda hoje na sociedade brasileira, em fenômenos como a aceitação social a partir de um ideal de branqueamento e a falta de representatividade do povo negro.

PALAVRAS-CHAVE: Brasil; racismo; futebol; literatura

RESUMEN: Quién ve jugadores y aficionados negros, hoy, en el césped y en las tribunas de los estadios brasileiros, tal vez no imagine que esa ni siempre fue la realidad del país: A lo largo de muchos años el fútbol ha reproducido uno de los aspectos más perversos de la sociedad brasileira: El racismo. En *O drible*, Sérgio Rodrigues retoma parte de esa historia, mostrando La permanencia de practicas racistas en el interior de la sociedad de una forma provocadora. Así, este trabajo tiene como objetivo analizar, en el romance de Sérgio Rodrigues, como el racismo, en sus distintas manifestaciones, es presente todavía hoy en la sociedad brasileira, en fenómenos como la aceptación social desde un ideal de blanqueamiento y la falta de representatividad del pueblo negro.

PALABRAS CHAVE: Brasil; racismo; fútbol; literatura.

Segundo dados recentes do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, quase cinquenta e seis por cento da população brasileira se autodeclara negra (preta ou parda), o que equivale a aproximadamente cento e dezesseis milhões de brasileiros e brasileiras, o que faz com que o país seja a segunda maior população negra do mundo, atrás apenas da Nigéria.

O número torna-se ainda mais impressionante quando contrastado pelos trazidos por Regina Dalcastagnè, em *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado* (2012). No país com a maior população negra fora do continente africano, a autora aponta para a existência de uma verdadeira “homogeneidade racial. São brancos 93,9% dos autores e autoras estudados” (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 163).

Os dados trazidos pela autora fazem parte de uma ampla pesquisa acerca das personagens e dos autores brasileiros, publicados pelas maiores editoras do país entre 1990 e 2004. Se a esmagadora maioria dos autores brasileiros é branca, as personagens do romance brasileiro contemporâneo mantêm o mesmo tom monocromático: 79,6% das personagens são brancas.

Os negros são 7,9% das personagens, mas apenas 5,8% dos protagonistas e 2,7% dos narradores; embora em proporção menos drástica, uma redução

¹ Mestrando na Universidade Federal de Pelotas na área de Literatura, Cultura e Tradução. E-mail: chagas.eduardolopez@gmail.com

similar ocorre no caso dos mestiços. Assim, os brancos não apenas compõem a ampla maioria das personagens identificadas no corpus; eles quase monopolizam as posições de maior visibilidade e de voz própria. (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 178)

Assim, além de praticamente inexistirem em termos quantitativos, as personagens negras também inexistem sob o ponto de vista do protagonismo da narrativa. Os dados referentes às personagens mestiças, consideradas dessa maneira pela pesquisa, mantém o mesmo padrão de exiguidade e apagamento. Para Regina Dalcastagnè,

A pequena presença de negros e negras entre as personagens sugere uma ausência temática na narrativa brasileira contemporânea, que o contato com as obras, dentro e fora do *corpus*, contos e romances, confirma: o racismo. Trata-se de um dos traços dominantes da estrutura social brasileira, que se perpetua e se atualiza desde a Colônia, mas que passa ao largo da literatura recente. Se é possível encontrar, aqui e ali, a reprodução paródica do discurso racista, com intenção crítica, ficam de fora a opressão cotidiana das populações negras e as barreiras que a discriminação impõem às suas trajetórias de vida (cf., entre outros, Guimarães, 2004 [1998], e Damasceno, 2000). O mito, persistente, da democracia racial elimina tais questões dos discursos públicos – entre eles, como se vê, o romance. (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 178)

Ou seja, a literatura brasileira contemporânea é escrita 93,8% das vezes por um autor ou autora (eles constituem 72,7%) branco, e tem quase 80% de suas personagens igualmente brancas. Tudo isso em um país onde quase 60% da população é negra. O descompasso é evidente.

O resultado é que, como conjunto, nossa literatura apresenta uma perspectiva social enviesada, tanto mais grave pelo fato de que os grupos que estão excluídos da voz literária são os mesmos que são silenciados nos outros espaços de produção do discurso – a política, a mídia, em alguma medida, também o mundo acadêmico. (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 196)

Houvesse sido lançado dez anos antes, e *O dribble* (2013), de Sérgio Rodrigues, contribuiria para a pesquisa feita por Dalcastagnè, reafirmando vários dos pontos levantados pela autora. Publicado por uma das maiores editoras do país é mais um entre tantos outros livros escrito por um homem, branco, onde as personagens centrais da trama, que se desenrola no Brasil pós-ditadura, são, *a priori*, brancas, de classe média-alta. Além disso, as personagens femininas, predominantemente mais jovens, ocupam posições secundárias e, manifestamente, estereotipadas no papel de meros objetos sexuais de homens mais velhos.

Se já não bastasse a contribuição para manter velhos e desgastados clichês, o romance está alicerçado sobre o conflito entre pai e filho que, após anos de afastamento, voltam a se falar

e ensaiar uma reaproximação diante da morte eminente do primeiro, o que gera uma sensação de *déja vu* logo nas primeiras páginas do romance.

Então, o que torna *O dribble* um livro tão singular? Qual a pedra angular que faz do romance uma leitura tão instigante e vertical? Talvez seja justamente a capacidade do autor subverter, romper com possível previsibilidade do romance, ou seja, driblar as expectativas do leitor. Na obra, o dribble não é apenas título, é uma marca, uma característica marcante que impregna toda a narrativa.

No romance, Neto, revisor de provas e herdeiro de uma pequena fortuna após o suicídio da mãe, é procurado pelo pai, Murilo Filho, jornalista esportivo no Rio de Janeiro durante a década de sessenta, e com quem não mantém contato há cerca de uma década.

A relação conturbada dos dois é marcada por brigas, agressões, distanciamento, mas também pelo suicídio de Elvira, a mãe de Neto, que ele atribui como fruto da infidelidade contumaz do marido, bem como por dois relacionamentos amorosos partilhados por pai e filho. No primeiro deles, Neto é um adolescente que se envolve com uma das namoradas do pai, que tomava café enquanto Murilo dormia. No segundo, a cisão definitiva: Neto, um homem de vinte e poucos anos, levava Lúdi, a namorada com quem traçava planos para conhecer o pai, que os recebe amistosa e carinhosamente, para em seguida se envolver com Lúdi, criando assim um abismo intransponível entre eles, até o momento em que o pai lhe liga,

“Estou à sua espera, Tiziu. Estou morrendo”. O tom melodramático não combinava com Murilo, e era a primeira vez em vinte e seis anos que o pai o chamava pelo apelido que inventara para ele na infância e que ninguém mais usava. Respondeu que não prometia nada, mas anotou o endereço. (RODRIGUES, 2013, p. 10)

Apesar de não prometer nada, Neto vai ao encontro do pai. Talvez esperando algum pedido de desculpas, talvez esperando uma reconciliação ou uma conversa sobre o suicídio da mãe, o fato é que a partir daí inaugura-se uma nova rotina para ambos: pescaria nas tardes de domingo à beira de uma represa seguida de um pequeno jantar na casa do pai. O encontro parece apropriado para que consigam, finalmente, conversar sobre o passado e os problemas em família, porém, Murilo faz com que o futebol monopolize a conversa.

É neste momento que fica ainda mais evidenciado duas marcas latentes que acompanham toda a narrativa: a primeira é a deliberada fuga de assuntos espinhosos empreendida por Murilo. Como em um campo de futebol onde o atacante habilidoso dribla o adversário com um corte seco na bola, Murilo ignora sumariamente as perguntas feitas por Neto

que possam levar a conversa para temas do passado. Ao invés disso, evoca o passado para relembrar a história do futebol brasileiro através de vários jogadores.

Neto estava a ponto de perguntar de onde vinha tanta certeza se não havia exame de DNA para tal tipo de paternidade, mas em vez disso, subitamente cansado da conversa errática, tomou coragem e perguntou por que Elvira tinha se matado. Murilo balançou os ombros, projetou o lábio inferior. “Vai saber. Veja o caso do Pinta. Hoje está completamente esquecido, mas era um jogador interessante”. (RODRIGUES, 2013, p. 18)

A segunda marca que impregna a narrativa é muito mais direta e contundente, e sua presença, bem como a forma como se manifesta, acaba por dizer muito acerca da sociedade brasileira: trata-se do racismo.

E ele está presente logo nas primeiras linhas do romance, quando surge a descrição do lance entre Pelé e Mazurkiewicz, em um jogo entre Brasil e Uruguai, na Copa do Mundo de 1970, no México. Sua primeira aparição é gratuita, inesperada, e pega o leitor um tanto desprevenido, sem saber como considerar aquela referência ao “grande crioulo” (RODRIGUES, 2013, p. 6), ao “negão que vem no embalo” (RODRIGUES, 2013, p. 7).

Se essas manifestações passarem de forma insuspeita, Murilo torna-as mais explícitas quando de seu primeiro encontro com Neto, quando este chega a sua casa e é recebido pelos latidos do cachorro chamado “Manteiga”. Então, seu pai conta a história de Manteiga, o jogador de futebol que atuou pelo América-RJ em 1921, e que causou o maior tumulto quando chegou na sede do clube.

Só tinha um problema, o Manteiga era um mulato crasso, indisfarçável, muito diferente do tipo quase branco que o Friedenreich já tinha começado a tornar passável a essa altura. Moreno? Moreno não, preto! Preto? Preto não, mulato! Nariz chato, beijorra grossa. Aquele não passava de jeito nenhum no América, que era branco e racista como todos os clubes da elite carioca na época. [...] Naquele 21, a chegada do Manteiga provocou um motim. Depois de pedir baixa da Marinha para jogar no América, foi ele entrar por uma porta de Campos Sales e um monte de americanos de nascença sair pela outra. Foram embora os Borges, os Curtis, todo mundo puto, ultrajado. E nesse momento teve brio o João Santos, presidente do clube, que bancou a contratação. O Manteiga ficou. Além de ser o craque do time era um sujeito que, como se dizia, conhecia o seu lugar. Nem pisava no hall da sede social, onde os outros jogadores relaxavam em cadeiras de vime depois dos treinos, se mandava correndo. (RODRIGUES, 2013, p. 12-13)

Após saber a história do jogador Manteiga, Neto pergunta ao pai por que o nome foi dado ao cachorro: “Acontece que nasceu numa ninhada de seis e era o único preto. Os irmãos

quase todos branquinhos, só um meio malhado, e ele aquele tição. Manteiga por isso” (RODRIGUES, 2013, p. 13).

A história de Manteiga, contada por Murilo não é peça de ficção. Ela é uma, das tantas narradas por Mario Filho, em *O negro no futebol brasileiro* (2003), e que ilustram em cores vivas e negras o abismo racial que se tentou cimentar, principalmente a partir da década de 30. Conforme Lilia Moritz Schwarcz,

O fato é que raça, cor, ou mistura foram sempre assuntos essenciais entre nós e sobre nós, surgindo ora como motivo para exaltação, ora como sinal de descrédito. A questão também se vinculou à ideia da identidade nacional, uma vez que, sobretudo a partir do século XIX, era por meio da raça que definíamos a nossa particularidade: um Brasil branco e indígena na imagem idealizada do Segundo Reinado; um país branqueado na concepção corrente na virada do XIX para o XX ou, já nos anos 1930, uma nação “divinamente mestiça”, nesse contexto em que o cruzamento de raças e culturas virava símbolo do Estado. Essa era, porém, uma representação basicamente retórica, sem que qualquer contrapartida que levasse à valorização dessas populações fosse implementada: os negros continuavam à margem das maiores benesses do Estado, tendo acesso diferenciado ao trabalho, ao lazer, à educação e à infraestrutura mais básica. (SCHWARCZ, 2007, p. 12)

Alijados de bens e serviços públicos, os negros estavam afastados também da prática de futebol, esporte chegado da Inglaterra na virada do Século XIX para o XX, e que desde o início, no Brasil, delimitou espaços distintos para negros e brancos. Mas não só isso: o futebol foi um espaço de intensa disputa, onde a discriminação racial fez-se de forma franca, aberta, frontal e violenta. Ilustra isso a frase com que Mario Filho abre seu livro, e que consta também na epígrafe de *O dribble*. Para ele, “Há quem ache que o futebol do passado é que era bom. De quando em quando a gente esbarra com um saudosista. Todos brancos, nenhum preto” (FILHO, 2003, p. 29).

Em seu livro, Mario Filho revela como o esporte bretão surgiu como mais um divertimento para os filhos e filhas da elite econômica da época.

Acabava a missa, duas filas de rapazes na escada, de cima a baixo, esperando as moças. As moças vinham de chapéu, de vestidos claros, as saias cobrindo o tornozelo, deixando de fora só o sapato, a sombrinha aberta. O homem, metido na bola de papelão, parado, a barriga imensa, anunciando o jogo de logo mais. Era hoje: Fluminense e Botafogo. Os rapazes faziam sinais discretos, as moças acenavam sinais mais discretos ainda. Tudo combinado. De tarde havia jogo, os amiguinhos, os namorados se encontrariam na arquibancada do Fluminense. Era essa gente que o Fluminense e o Botafogo queriam. (FILHO, 2003, p. 44)

Por trás do cenário de belle époque, no subterrâneo dessa sociedade de lenços, chapéus e risos no fim de uma tarde ensolarada, restava o racismo operando por diferentes maneiras. Primeiro, pela separação espacial, onde brancos ocupavam as arquibancadas e negros, mulatos e pobres ocupavam a geral.

A boa ordem social das casas de família. Cada um no seu lugar, até os parentes pobres. A geral de um lado, a arquibancada do outro, no centro o campo, os jogadores correndo. Correndo mais para quem estava na arquibancada do que para quem estava na geral. (FILHO, 2003, p. 41)

Ao descrever a sociedade da época e mostrar como o futebol atuava para manter a hierarquia racial da sociedade brasileira, a obra de Mario Filho vai ao encontro da análise de Florestan Fernandes, quando aponta para o fato de que “A nossa história é uma história do branco privilegiado para o branco privilegiado” (FERNANDES, 2007, p. 33). E vai além ao afirmar que,

O negro permaneceu sempre condenado a um mundo que não se organizou para trata-lo como ser humano e como “igual”. Quando se dá a primeira grande revolução social brasileira, na qual esse mundo se desintegra em suas raízes – abrindo-se ou rachando-se por meio de várias fendas, como assinalou Nabuco -, nem por isso ele contemplou com equidade as “três raças” e os “mestiços” que nasceram do seu intercruzamento. Ao contrário, para participar desse mundo, o negro e o mulato se viram compelidos a se identificar com o branqueamento psicossocial e moral. Tiveram de sair de sua pele, simulando a condição humana-padrão do “mundo dos brancos”. (FERNANDES, 2007, p. 33)

O processo de identificação com o branqueamento psicossocial e moral, tal qual apontado por Florestan Fernandes, é outro aspecto do racismo brasileiro. Neusa Santos Souza vê na necessidade de justificar a exploração econômica a que estava submetida a população negra, o motivo para que fosse elaborado “todo um dispositivo de atribuições de qualidades negativas aos negros”, (SOUZA, 1983, p. 20) a fim de “manter o espaço de participação social do negro nos mesmos limites estreitos da antiga ordem social” (SOUZA, 1983, p. 20).

À medida que conseguia avançar e ascender a outros espaços, o negro buscava também ser visto como um cidadão,

E, como naquela sociedade, o cidadão era o branco, os serviços respeitáveis eram os “serviços de branco”, ser bem tratado era ser tratado como o branco. Foi com a disposição básica de ser gente que o negro organizou-se para a ascensão, o que equivale dizer: foi com a principal determinação de assemelhar-se ao branco – ainda que tendo que deixar de ser negro – que o negro buscou, via ascensão social, tornar-se gente. (SOUZA, 1983, p. 21)

As considerações propostas por Neusa Santos Souza encontram as de Fernandes, quando este diz que,

No cume da ascensão social ou no fim de um longo processo de aperfeiçoamento constante, o indivíduo descobre que extrai o seu próprio valor, e o reconhecimento desse valor pelos outros, daquilo em que ele não é, decididamente, nem negro, nem mulato – mas BRANCO! Para os analistas superficiais, esse imperialismo da branquitude é normal e necessário. Isso porque fomos levados a crer que a integração nacional do Brasil depende dessa forma unilateral de realizar a nossa unidade nacional. Nunca tentamos pensar numa direção diversa e imaginar como poderia ser essa mesma unidade se, em vez de integrar pela exclusão, ela integrasse por multiplicação. (FERNANDES, 2007, p. 34)

Se o processo de identificação com a branquitude parece subjetivo e intimista, o futebol se encarregará de mostrar de forma inquestionável a primazia monocromática exigida para a ascensão social no Brasil. Em seu livro, Mario Filho conta a história de Carlos Alberto, vindo do América para o Fluminense,

Enquanto estive no América, jogando no segundo time, quase ninguém reparou que ele era mulato. Também Carlos Alberto, no América, não quis passar por branco. No Fluminense foi para o primeiro time, ficou logo em exposição. Tinha de entrar em campo, correr para o lugar mais cheio de moças na arquibancada, parar um instante, levantar o braço, abrir a boca num *hip, hip, hurrah*. Era o momento que Carlos Alberto mais temia. Preparava-se para ele, por isso mesmo, cuidadosamente, enchendo a cara de pó-de-arroz, ficando quase cinzento. Não podia enganar ninguém, chamava até mais atenção. O cabelo de escadinha ficava mais escadinha, emoldurando o rosto, cinzento de tanto pó-de-arroz. (FILHO, 2003, p. 60)

Outro caso trazido por Mario Filho, em *O negro no futebol brasileiro* é o de Friedenreich, filho de um alemão com uma mulher negra brasileira. De pele menos escura, com olhos verdes, poderia passar despercebido “se não fosse o cabelo” (FILHO, 2003, p. 61).

O cabelo farto mas duro, rebelde. Friedenreich levava, pelo menos, meia hora amassando o cabelo. Primeiro untava o cabelo de brilhantina. Depois, com o pente, puxava o cabelo para trás. O cabelo não cedendo ao pente, não se deitando na cabeça, querendo se levantar. Friedenreich tinha de puxar o pente com força, para trás, com a mão livre segurar os cabelos. Senão ele não ficava colado na cabeça, como uma carapuça. [...] Era preciso amarrar a cabeça com uma toalha, fazer da toalha um turbante enterrá-lo na cabeça. E ficar esperando que o cabelo assentasse. Levava tempo. (...) O juiz impaciente, ameaçando começar a partida sem Friedenreich, e Friedenreich lá dentro, no vestiário, a toalha amarrada na cabeça, esperando, ainda desconfiado de que não chegara a hora de tirar o turbante. (FILHO, 2003, p. 61)

A escrita de Mario Filho exige cuidado em sua leitura. Por vezes, parece carregada de um excessivo tom jocoso, quase folclórico, seguindo a mesma linha implementada por Freyre

em *Casa-grande & senzala*. Os casos de Carlos Alberto e Friedenreich talvez precisem ser lidos depurando as camadas de “pó-de-arroz” e de “toalhas amarradas na cabeça”. Por traz disso há o humano, o homem negro envergonhado de ser quem é, violentando-se para entrar em um campo e vestir a camisa de um clube de futebol.

Essa situação reverbera o que Florestan Fernandes chama de “A persistência do passado” (FERNANDES, 2007, p. 104). Para ele, “Tendo-se em vista a estrutura social da comunidade como um todo, pode-se afirmar que, desde o último quartel do século XIX até hoje, as grandes transformações histórico-sociais não produziram os mesmos proventos para todos os setores da população.” (FERNANDES, 2007, p. 106).

Fazendo o mesmo recorte que Fernandes, ou seja, o quarto final do oitocentos no Brasil, é possível elencar algumas mudanças significativas na sociedade brasileira: fim da escravidão, instauração da república, conflitos internos e início de um irreversível processo de urbanização. Apesar disso, é como se todas essas mudanças alterassem apenas a superfície, mantendo e reproduzindo a sobrevivência de estruturas, de raízes arcaicas.

Para Florestan Fernandes,

Tudo se passou, historicamente, como se existissem dois mundos humanos contínuos, mas estanques e com destinos opostos. O *mundo dos brancos* foi profundamente alterado pelo surto econômico e pelo desenvolvimento social, ligados à produção e à exportação do café, no início, e à urbanização acelerada e à industrialização, em seguida. O *mundo dos negros* ficou praticamente à margem desses processos socioeconômicos, como se ele estivesse dentro dos muros da cidade, mas não participasse coletivamente de sua vida econômica, social e política. (FERNANDES, 2007, p. 106, grifos do autor)

E o futebol brasileiro do início do século expõe de maneira inequívoca a separação entre o mundo dos brancos e o mundo dos negros existente em toda a vida social.

O sistema de castas foi abolido legalmente. Na prática, porém, a população negra e mulata continuou reduzida a uma condição social análoga à preexistente. Em vez de ser projetada, em massa, nas classes sociais em formação e em diferenciação, viu-se incorporada à “plebe”, como se devesse converter-se numa camada social dependente e tivesse de compartilhar de uma “situação de casta” disfarçada. Daí resulta que a desigualdade racial manteve-se inalterável, nos termos da ordem racial inerente à organização social desaparecida legalmente, e que o padrão assimétrico de relação racial tradicionalista (que conferia ao “branco” supremacia quase total e compelia o “negro” à obediência e à submissão) encontrou condições materiais e morais para se preservar em bloco. (FERNANDES, 2007, p. 106)

Em uma das tardes passadas ao lado do filho Neto pescando à beira da represa, Murilo discorre sobre uma teoria desenvolvida por ele, e que trata da conjugação perfeita entre o futebol e as transmissões por rádio, responsáveis por criar a “argamassa” capaz de,

[...] colar os cacos de um país gigantesco que até aquele momento não era bem um país, mas uma vastidão de terra dividida entre uns poucos proprietários que se distinguiam em partes iguais pela ganância e pela indiferença às condições de vida das multidões que trabalhavam para eles. (RODRIGUES, 2013, p. 37)

Para ele, aparentemente, o futebol e as transmissões por rádio ajudaram na construção de uma identidade nacional capaz de pacificar e uniformizar o país.

Aí alguém arranjou uma bola, foram onze para cada lado, outro maluco pegou um microfone e logo estava embelezando as jogadas mais toscas com umas retumbâncias ridículas de retórica. Pronto: metade futebol, metade prosopopeia, estava feito o Brasil. (RODRIGUES, 2013, p. 37-38)

A teoria desenvolvida por Murilo seria posta à prova se Neto tivesse feito as perguntas que, na hora, lhe vieram à cabeça: “Que argamassa? Que Brasil? Mas só abriu a boca para morder um croquete” (RODRIGUES, 2013, p. 38).

As perguntas que Neto fariam ainda mais sentido depois de Murilo dizer, ao longo da explicação de sua teoria, que aos proprietários das terras pouco lhes importava se as pessoas vivessem ou morressem, “no caso dos pretos, que teimavam em se reproduzir feito ratos no esgoto, os donos da terra achavam melhor que morressem mesmo, o que certamente fariam se tivessem um mínimo de autorrespeito” (RODRIGUES, 2013, p. 37).

O preconceito racial e o racismo não são, exatamente, os temas centrais de *O drible*, tampouco é possível passar por eles de forma indiferente. Estão espalhados ao longo da narrativa, como espinhos deixados no caminho. Rodrigues não quer fazer literatura engajada. O racismo em seu livro vem com uma ácida provocação.

As constantes manifestações racistas de Murilo revelam um aspecto distinto do racismo ainda mais explícito que o futebol brasileiro manifestava em seus primórdios. Não mais o caráter público, escancarado, quando os times entravam em campo formado apenas e tão somente apenas por jogadores brancos, e os poucos “mulatos” precisavam recorrer a humilhantes expedientes a fim de tornarem-se mais alvos. Nas conversas entre Murilo e Neto, prevalece o racismo íntimo, privado, que se traveste de piada ou se esconde em comentários feitos à boca miúda.

Analisando o preconceito racial no Brasil, Florestan Fernandes diz que, “O que há de mais evidente nas atitudes dos brasileiros diante do ‘preconceito de cor’ é a tendência a considera-lo algo ultrajante (para quem o sofre) e degradante (para quem o pratique)” (FERNANDES, 2007, p. 41). No Brasil, o racista é sempre o outro. Fernandes atribui essa atitude a uma consequência do *ethos* católico predominante no período da escravidão, onde o senhor que professava a fé no criador durante a missa da manhã era o mesmo que chicoteava os negros na casa-grande durante a tarde. O *ethos* católico explicaria assim a divisão entre teoria e prática, entre o que se fala e o que se faz. Segundo Lilia Schwarcz,

[...] seriam os *mores* cristãos os responsáveis por tal visão de mundo cindida, que fazia com que se seguisse uma orientação prática adversa às obrigações ideais. É por isso mesmo que o preconceito de cor no Brasil seria condenado sem reservas, como se representasse um mal em si mesmo; não obstante, a discriminação presente na sociedade continuava intocada. (SCHWARCZ, 2007, p. 18)

Para Florestan Fernandes, é como se os brancos tivessem consciência de sua responsabilidade na manutenção do racismo, mas não conseguisse convencer-se ou não visse nenhum motivo forte o bastante para mudar de atitude (FERNANDES, 2007, p. 41). Assim,

A liberdade de preservar os antigos ajustamentos discriminatórios e preconceituosos, porém, é tida como intocável, desde que se mantenha o decoro e suas manifestações possam ser encobertas o dissimuladas (mantendo-se como algo “íntimo”; que subsiste no “recesso do lar”; ou se associa a “imposições” decorrentes do modo de ser dos agentes ou do seu estilo de vida, pelos quais eles “têm o dever de zela”). (FERNANDES, 2007, p. 41-42)

As manifestações racistas de Murilo se assemelham a alguns exemplos trazidos por Joel Rufino, em seu livro *O que é racismo* (1984). Não por coincidência, ambos ocorrem em um estádio de futebol,

Um amigo meu, famoso ator de TV, assistia a um Flamengo e Grêmio, no Maracanã. Toda vez que Cláudio Adão perdia um gol – e foram vários – um sujeitinho se levantava pra berrar: “Crioulo burro! Sai daí, ô macaco!” Meu amigo engolia em seco. Até que Carpegiani perdeu uma oportunidade “debaixo dos paus”. Ele achou que chegara a sua vez. “Aí, branco burro! Branco tapado!” Instalou-se um súbito e denso mal-estar naquele setor das cadeiras – o único preto ali, é preciso que se diga, era o meu amigo. Passado um instante, o sujeitinho não se conteve: “Olha aqui, garotão, você levou a mal aquilo. Não sou racista, sou oficial do Exército. (RUFINO, 1984, p. 40)

A partir do exemplo, Joel Rufino tece algumas considerações. Dentre elas:

1º) Nós brasileiros, quando somos pilhados em flagrante de racismo nos assustamos, reagindo, de imediato, contra quem denuncia. (Aquele inimigo do

Cláudio Adão, por exemplo, alegou sua condição de oficial do Exército para “provar” que não podia ser racista.). 2º) Nosso preconceito racial, zelosamente guardado, vem à tona, quase sempre, num momento de competição. (O futebol é um caso mais que típico de “momento de competição”.) (RUFINO, 1984, p. 41)

Em *O drible*, não há contraponto às manifestações racistas de Murilo. Ele não se constrange, atira-as à cara do filho sem nenhum constrangimento. Mas, sim, é possível ver o racismo de Murilo como resposta ao caso extraconjugal entre Elvira, sua esposa à época, e Peralvo, jogador de futebol...e negro.

Para Rufino, no Brasil, “os brancos sempre esperam que as minorias raciais cumpram corretamente os papéis que lhes passaram [...] Se fracassam, lhe jogam na cara a suposta razão do fracasso: a cor da pele” (RUFINO, 1984, p. 41). De certa maneira, o negro não é julgado apenas por seu caráter ou competência. Sobre ele paira sempre o julgamento racial, e sua cor de pele passa a ser usada como uma ofensa que traz consigo toda a construção depreciativa cuidadosamente elaborada ao longo dos anos.

A traição de Elvira não termina com o afastamento de Peralvo ou mesmo com seu suicídio. Ela se torna para Murilo uma cicatriz no rosto, algo que não pode esconder, porque Neto não é seu filho, mas sim de Peralvo. O leitor tem essa confirmação apenas ao fim da trama, mas no início da obra há um momento que serve como uma espécie de indício.

Tinha acompanhado Murilo ao Maracanã três ou quatro vezes. A primeira logo após Elvira morrer e ele voltar a morar com o pai no Parque Guinle, devia ter cinco, seis anos. A última em torno de dois anos depois. Numa dessas tardes Nelson Rodrigues gritou de longe: “Ei, Murilo, seu filho é uma cambaxirra!”. Neto sentiu o rosto queimar como se tivesse sido xingado, entendendo de forma instintiva que o homem aludia ao fato de ser mirrado, moreno, diferente do pai. Outro dia – talvez sua última visita – aquele coroa estranho de quem sentia agora um medo que beirava o pânico se aproximou no intervalo da partida, quando seu pai o deixou sozinho para ir comprar cerveja ou cigarro. Não tinha certeza de ser um Fla x Flu, mas quase sempre eram essas bandeiras que surgiam em sua memória como pano de fundo para a imagem do homem de olheiras e suspensórios a se curvar na cadeira com um picolé na mão. Com voz soprada de tísico, perguntou: “Você gosta de Chicabon, meu filho?”. Mais por intimidação que por desejo, aceitou o picolé. Nelson então riu baixinho e, já virando as costas, bradou a ordem que Neto e o mundo tratariam de cumprir escrupulosamente: “Envelheça!” (RODRIGUES, 2013, p. 14)

Em meio ao desenrolar da trama, o fato acaba não chamando a atenção do leitor, que só remonta a cena a partir do envolvimento de Elvira com Peralvo, somado a isso o relacionamento conflituoso entre Murilo e Neto.

Aqui, a cena do drible de Pelé em cima de Mazurkiewicz, tantas e tantas vezes repetidas por Murilo no velho videocassete assume um caráter metafórico que transcende ao futebol. Naquele lance ele vê e revê diversas vezes a sua vida. Ele é Mazurkiewicz, Peralvo é Pelé.

Já foi dito que um dos grandes méritos do livro é a capacidade de seu autor driblar as expectativas do leitor. Nesse sentido, a personagem Neto talvez configure no grande drible de Sérgio Rodrigues ao longo da narrativa. Por sua descrição, jovem de classe média-alta, integrante de uma banda de rock, universitário, revisor de provas, dono de uma pequena fortuna que exhibe para impressionar caixas e balconistas de farmácia, Neto é, provavelmente, visto pela imensa maioria dos leitores como um homem branco.

O que restava boiando no espaço como um objeto não identificado, Neto reconhecia, era uma questão ética. Tinha chegado a travar discussões consigo mesmo. Você está reeditando o vício colonial que encheu o Brasil de mestiços bastardos, acusava. E se defendia, sim, estava se aproveitando de uma vantagem socioeconômica para descolar sexo, mas existia alguém no mundo que, podendo, não fizesse isso? Que milionário ia abrir mão de traçar, digamos, uma bela universitária tijuicana com base em princípios morais? Fazia tempo que a Realpolitik sexual tinha vencido o debate. Suave no pouso e na decolagem, Neto acabou se convencendo de que não só não fazia apenas o bem para as suas namoradas. Excluída a prostituição e a Mega-Sena, como poderiam aquelas meninas pisar no Quadrifoglio, degustar um Montes Alpha 2009, desfrutar de confortos mínimos que deveriam estar ao alcance de todos mas ainda eram exclusivos de uma minoria ridícula? (RODRIGUES, 2013, p. 43)

Operando aqui, talvez esteja aquilo que Silvio Almeida considera como um exemplo da naturalização do racismo. Valendo-se de sua vivência, Silvio comenta sobre o fato de que na grande maioria das vezes, em determinados espaços, como o acadêmico ou o jurídico, por exemplo, ele era o único negro presente na condição de advogado ou professor. E fora desses locais, nos serviços de limpeza ou segurança, as pessoas negras eram, normalmente, a maioria. (2018, p. 47).

Para responder como situações como a apontada acima passam a ser “naturalizadas”, Silvio relaciona racismo, ideologia e estrutura social, e diz que,

O racismo constitui todo um complexo imaginário social que a todo momento é reforçado pelos meios de comunicação, pela indústria cultural e pelo sistema educacional. Após anos vendo telenovelas brasileiras um indivíduo vai acabar se convencendo que mulheres negras têm uma vocação natural para o emprego doméstico, que a personalidade de homens negros oscila invariavelmente entre criminosos e pessoas profundamente ingênuas, ou que homens brancos sempre têm personalidades complexas e são líderes natos, meticolosos e racionais em suas ações. E a escola reforça todas essas percepções ao apresentar um mundo em que negros e negras não tem muitas contribuições

importantes para a história, literatura, ciência e afins, resumindo-se a comemorar a própria libertação graças à bondade de brancos conscientes. (ALMEIDA, 2018, p. 51)

Quase 56% da população é negra. Quase 94% dos escritores são brancos. Quase 80% das personagens nos romances de literatura brasileira contemporânea são brancas. A análise de Silvio Almeida vai ao encontro do estudo feito por Regina Dalcastagnè, e que aponta justamente para a uniformização monolítica e monocromática da sociedade brasileira dentro da literatura contemporânea.

Em *O drible*, Sérgio Rodrigues constrói uma narrativa que dialoga diretamente com *O negro no futebol brasileiro*, de Mario Filho, não para falar sobre o futebol *per se*, mas para mostrar como é apenas aparente a coesão nacional proporcionada por ele. Por trás de seu caráter festivo, há uma longa trajetória de dor, segregação e violência racial.

Uma das principais marcas de *O drible* é a maneira inteligente com que Sérgio Rodrigues discute a permanência do racismo na sociedade brasileira. Através da personagem Murilo, é possível perceber vários enunciados racistas que ainda circulam com assustadora e infundada desenvoltura. Mas é com a personagem Neto que Rodrigues dá o grande drible do livro. Ao criar um homem mulato, de classe média-alta, universitário e filho de um importante jornalista esportivo, Rodrigues provoca no leitor a discussão sobre a naturalização do racismo que cada um carrega consigo. Ao driblar a expectativa do leitor de forma ácida e criativa, Sérgio Rodrigues tem em *O drible* seu momento de Pelé, e o leitor, seu momento de Mazurkiewicz.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio. *O que é racismo estrutural?* Belo Horizonte: Letramento, 2018.
DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo: Horizonte, 2012.
FERNANDES, Florestan. *O negro no mundo dos brancos*. São Paulo, Global, 2007.
FILHO, Mario. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.
RODRIGUES, Sérgio. *O drible*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
RUFINO, Joel. *O que é racismo*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
SCHWARCZ, Lilia. Raça sempre deu o que falar. In: _____. *O negro no mundo dos brancos*. São Paulo: Global, 2007, p. 11-24.
SOUZA, N. S. *Tornar-se negro*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

**Artigo recebido em agosto de 2019.
Artigo aceito em outubro de 2019.**